



História: Debates e Tendências

ISSN: 1517-2856

felipeabal@upf.br

Universidade de Passo Fundo

Brasil

Moraes, Marcio

Combater o comunismo em nome de deus, da pátria e da família: o caso dos militantes
integralistas na cidade de Garanhuns-PE (1935-1937)

História: Debates e Tendências, vol. 13, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 48-61

Universidade de Passo Fundo

Passo Fundo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552456390004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Combater o comunismo em nome de Deus, da pátria e da família: o caso dos militantes integralistas na cidade de Garanhuns - PE (1935-1937)

Fight communism in name of God, country and the family: the case of militant fundamentalists in the city of Garanhuns - PE (1935-1937)

Combater el comunismo en nombre de Dios, de la Patria y de la familia: el caso de los militantes integralistas de la ciudad de Garanhuns - PE (1935-1937)

Marcio Moraes^{*}

Resumo

O presente artigo é parte de dissertação de mestrado na qual é trabalhada a interiorização da Ação Integralista Brasileira (AIB) no estado de Pernambuco, dando uma atenção especial a Garanhuns. Esse município, entre 1935 e 1937, foi palco para a atuação dos integralistas, que acreditavam formar a linha de frente no combate ao comunismo. O clima de medo criado em torno dos boatos de supostos complôs da esquerda, marcou o cotidiano da sociedade garanhunense e a memória de seus militantes.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira. Comunismo. Garanhuns. Memória.

Neste artigo, tratamos de alguns aspectos da história política de Garanhuns-PE, particularmente, as memórias sobre os motivos que levaram muitos de seus moradores a entrarem nas fileiras da Ação Integralista Brasileira (AIB) entre os anos de 1935 a 1937. O integralismo foi um movimento político e ideológico fundado pelo intelectual paulista Plínio Salgado que, durante os anos 1930, ocupou um lugar de destaque no cenário político nacional. A AIB apresentava uma nova forma de organização, pautando suas atividades no lema “Deus, Pátria e Família”.

^{*} Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Recebido em: 02/08/2012 Aprovado em: 26/11/2012
<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.13n.1.2555>

Respeitados por grupos tradicionais da sociedade brasileira, os integralistas apresentavam uma estrutura paramilitar, insígnias do Sigma (□), saudações (Anauê), fardamentos, desfiles e outros elementos que compunham o universo simbólico integralista e chamavam a atenção fascinando muitos brasileiros que entraram no movimento.

Relevante destacar o fato de o integralismo ter sido o primeiro partido político de âmbito nacional, diferenciando-se das outras organizações partidárias que ficavam restritas aos seus estados federativos.¹ Com núcleos em todo o Brasil, os motivos para entrarem na AIB acabavam variando de acordo com a realidade das cidades em que chegavam os camisas-verdes, como também eram chamados os membros da AIB. O Sul e Sudeste do país tiveram os maiores contingentes de militantes, mas isso não quer dizer que nas outras regiões brasileiras não houve a presença dos seguidores do Sigma. Os historiadores João R. C. Caldeira, falando do Maranhão, e Giselda Brito Silva, ao pesquisar a AIB em Pernambuco, são alguns dos poucos estudiosos que se debruçaram sobre a temática dos camisas-verdes no Nordeste do país.²

A nossa investigação também encontrou seus sujeitos em solo pernambucano, mais especificamente em Garanhuns. Esse município do agreste encontra-se incrustada no Planalto da Borborema, envolvido por serras que marcam seu clima ameno no verão e de baixas temperaturas no inverno, com média térmica anual de 21 °C. Sensação térmica incomum no nordeste de brasileiro, marcado em grande parte pelas secas e elevadas temperaturas.

Atuando entre representantes da oligarquia local e correligionários do presidente Getúlio Vargas, os jovens integralistas garanhuneses desempenharam suas atividades políticas e intelectuais na cidade. Ao mesmo tempo em que damos visibilidade a discursos esquecidos de homens e mulheres que vivenciaram uma realidade distinta da atual – com ideologias, medos, sonhos e concepções morais particulares ao momento histórico e espaço geográfico estudado – acabamos possibilitando também um olhar sobre o referido movimento, porém, saindo dos grandes centros urbanos e vendo como esse fenômeno político e ideológico se deu no interior do país.

Dessa forma, pretendemos aqui traçar algumas considerações sobre a maneira que os ensinamentos da AIB foram compreendidos e vivenciados por garanhuneses no decorrer dos anos 1930 e como essas experiências marcaram de maneira indelével suas histórias de vida. Mas, antes disso, apresentaremos a atuação política e intelectual dos integralistas no estado de Pernambuco e os percursos desses até a implantação do núcleo no município de Garanhuns.

A criação da AIB e a sua receptividade em Pernambuco (1932-1935)

A Ação Integralista iniciou suas atividades oficialmente depois da apresentação do “Manifesto de Outubro de 1932”, realizada no Teatro Municipal de São Paulo por Plínio Salgado, jornalista que se tornou Chefe Nacional da AIB, a autoridade máxima dentro da hierarquia do movimento. Esse documento pautou-se em argumentos de

cunho nacionalista e da proteção da moralidade cristã. A percepção do cenário político nacional e a função que o integralismo desempenharia nessa realidade, aparece no seguinte trecho do Manifesto:

5ª

NÓS, OS PARTIDOS POLÍTICOS E O GOVERNO.

Nós, brasileiros unidos, de todas as Províncias, propomos-nos criar uma cultura, uma civilização, um modo de vida genuinamente brasileiros. Queremos criar um direito público nosso, de acordo com as nossas realidades e aspirações, um governo que garanta a unidade de todas as Províncias, a harmonia de todas as classes, as iniciativas de todos os indivíduos, supervisão do Estado, a construção nacional. Por isso, o nosso ideal não nos permite entrar em combinação com partidos regionais, pois não reconhecemos esses partidos; reconhecem a Nação. [...]

A nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos governadores de Estados, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos. A nossa Pátria precisa de estar unida e forte, solidamente construída, de modo a escapar ao domínio estrangeiro, que a ameaça dia a dia, e salvar-se do comunismo internacionalista que está entrando no seu corpo, como um cancro.³

Observa-se nesse fragmento a forma como o integralismo foi apresentado por seu criador aos outros brasileiros. Escrito na primeira pessoa do plural, o texto provavelmente criava entre os seus leitores a sensação de que esse movimento era a solução para as angústias políticas e sociais que se acreditava assolar o país. Uma resposta patriótica aos problemas nacionais deveria ser a percepção nutrida entre os militantes da AIB. A partir dessa compreensão, tentariam construir um lugar de legitimidade no cenário político nacional nos anos de 1930.

Pouco depois da fundação do integralismo em São Paulo, o discurso do recém-criado movimento ressoou de maneira positiva entre um pequeno grupo de intelectuais pernambucanos, muito deles estudantes da Faculdade de Direito do Recife (FDR). Sobre as motivações para o engajamento desses, a historiadora Giselda Brito Silva destacou: “Desorientados e desiludidos [por causa do não cumprimento das promessas dos revolucionários de 1930], [...] passam a assimilar os discursos do Integralismo que surgia como uma opção entre a crise liberal e o medo comunista”.⁴ De acordo com essa pesquisadora, além das propostas nacionalistas e espiritualistas de base cristã, a insatisfação com o não cumprimento das promessas modernizadoras e moralizadoras feitas por aqueles que deram um golpe em 1930 teria servido também de motivador para o engajamento de pernambucanos na AIB.

Alguns dos estudantes da FDR lançaram no mês seguinte à fundação da AIB um manifesto de apoio a Plínio Salgado. No dia 24 de novembro de 1932, o Diário de Pernambuco publicou o “Manifesto do Núcleo da Faculdade de Direito do Recife” ou, como ficou conhecido, o “Manifesto do Recife”, assinado por Otto Guerra, Andrade Lima Filho, Américo de Oliveira Costa, João Roma, Álvaro Lins e José Carlos Dias da Silva. No decorrer do texto, os autores escreveram⁵:

A mocidade nordestina de modo algum poderia ficar indiferente. E muito menos alunos da Faculdade de Direito do Recife. Esta Escola, que certa vez ouviu proclamar a morte da metafísica [...] precisa torna-se uma célula vivíssima desse grande movimento de renovação política, social e espiritual. [...]

Os velhos políticos rirão sem duvida dos nossos propósitos. Os comodistas recusar-se-ão a colaboração conosco. Que se fique quem. Mas esse movimento de mocidade já é hoje incoercível. Porque é a própria verdade nacional, a própria realidade mundial.

São forças post-revolucionárias, forças jovens, cheias de fé, nacionalistas no bom sentido, humanas.⁶

No dia seguinte à publicação de apoio à AIB desses estudantes no *Diário de Pernambuco*, Andrade Lima Filho, um dos responsáveis pela escrita do “Manifesto do Recife” e primeiro chefe provincial da AIB-PE, apresentou o seguinte depoimento ao *Jornal Pequeno*:

[...] nós precisamos é de um governo forte [...] o Brasil se verá livre das erupções subversivas. Temos vivido até hoje num clima revolucionário[...] esse appello à revolução e no dizer de Hélio Vianna uma fatalidade dos povos sem educação social e política. No Brasil a grande geratriz das luctas armadas tem sido inegavelmente a política tortuosa dos partidos. O nosso problema é retomar as nossas tradições[...] precisamos de uma orientação nacionalista[...]⁷

Ao confrontar o trecho citado do “Manifesto do Recife” com a fala de Lima Filho, percebe-se que ao mesmo tempo em que os primeiros membros da AIB-PE discursavam sobre a criação de um espaço para a juventude brasileira promover uma “renovação política, social e espiritual”, essas mudanças ocorreriam a partir de um norte nacionalista dedicado a indicar uma volta às tradições brasileiras.⁸ O moderno e a tradicional apareciam não como elementos antagônicos nos discursos integralistas, mas enquanto complementares. Conciliando, assim, em sua doutrina, tanto o argumento da necessida-

de de uma mudança no modo de gestão do país, com uma política de tendências autoritárias, como também a valorização dos símbolos nacionais e de introdução nas relações políticas dos preceitos espirituais, no caso, uma ética e moral cristã.

Os estudantes de Direito ocuparam cargos de liderança dentro da AIB-PE. Esses jovens foram alguns dos mais importantes reprodutores dos discursos integralistas em solo pernambucano, levando a doutrina do Sigma para vários municípios desse estado. O historiador Carlos A. Moura,⁹ ao analisar as origens familiares dos intelectuais os quais conviviam na Faculdade de Direito das primeiras décadas do século XX, indicou que a maioria deles pertencia às famílias tradicionais e influentes da capital e do interior, não apenas de Pernambuco, como de outros estados do Nordeste.

Os líderes do integralismo procuravam também confeccionar e divulgar a imagem de um movimento pautado na organização de jovens ávidos por mudanças políticas, que teriam escolhido o caminho dos elos de amizade, da disciplina e do respeito aos ensinamentos da ética e moral cristã para criarem uma nação forte. Isso em um momento marcado pelo medo de golpes comunistas, que trariam o caos social. A divulgação de uma representação positiva do integralismo possuía o intuito de atrair novos militantes, utilizando como estratégia a construção de um quadro de “notáveis” personalidades, composto de religiosos, intelectuais e políticos que teriam aderido à AIB, sendo essas inscrições nas fileiras integralistas utilizadas na propaganda política do movimento. No caso de Pernambuco, os primeiros camisas-

-verdes tinham organizado um grupo intitulado “Como era verde o meu vale”, formado principalmente por estudantes da FDR.

Esses jovens lideravam as visitas às cidades interioranas, organizando palestras, desfiles e inscrições dos que desejassem entrar nas fileiras da AIB. Essas caravanas, marcadas pelas atividades propagandísticas eram chamadas por eles de “Bandeiras”.¹⁰ Ressaltemos que se tratava de estudantes de Direito da capital, bacharéis, “homens estudados” e “com leitura” – como ainda hoje se fala no interior – que levavam propostas políticas coerentes, com os ensinamentos religiosos para uma sociedade marcada pela presença atuante na vida social e política de clérigos da Igreja Católica. Uma das Bandeiras organizadas em Pernambuco foi a “07 de Outubro”, nome escolhido em homenagem à data de criação da própria AIB e de seu “Manifesto”. No ano de 1935, essa Bandeira levou o integralismo para vários municípios do interior pernambucano, incluindo Garanhuns.

Ao chegar à cidade de Garanhuns em 29 de junho de 1935, os membros da “Bandeira 07 de Outubro” organizaram o núcleo local da AIB na Rua Dantas Barreto, centro da cidade. Nessa rua ficava também a estação ferroviária da “Great Western”. Ao chegar e sair, o trem trazia e levava em seus vagões as novidades da capital, ou transportava seus moradores para a cidade do Recife que iam à busca de trabalho, estudos ou por curiosidade em conhecer o “mundo moderno” da capital. O apito da Maria-Fumaça anunciava também a chegada dos jornais da capital pernambucana, que atualizava os garanhuenses sobre o que acontecia no país.¹¹

Entre os anos de 1935 e 1937, os militantes e símbolos da AIB tornam-se comuns nos espaços públicos e privados de Garanhuns. O jornal *A Razão*, fundado pelos integralistas garanhuenses, além de divulgar o pensamento dos líderes da AIB, buscou noticiar as atividades políticas e intelectuais de seus componentes no dia a dia da cidade. Mantendo uma postura comum aos outros integralistas do Estado, os garanhuenses utilizaram-se da proximidade da doutrina do Sigma com as questões religiosas, mas, para isso, a estratégia escolhida foi a apresentação de um cenário nacional dividido entre camisas-verdes cristãos *versus* comunistas ateus.

Entre memórias, jornais e o medo do ataque comunista: os motivos para o engajamento de moradores de Garanhuns - PE no integralismo (1935-1937)

A inscrição de alguns membros da sociedade garanhuense dos anos 1930, nas fileiras integralistas, possibilitou a construção de espaços de atuações e adaptações dos ensinamentos do Sigma na região. Mas, dentre as propostas doutrinárias presentes nos ensinamentos da AIB, quais foram os que tiveram maior receptividade e estiveram presente nas propagandas políticas do referido partido na cidade? Vamos adentrar nas memórias e tentar conhecer algumas razões que atraíram moradores da cidade ao movimento criado e liderado por Plínio Salgado.

O ato de narrar histórias está ligado a experiências de vidas tanto de pessoas sim-

ples como daquelas que assumiram posições de destaques no campo político, intelectual, econômico e religioso. Um bom contador de história, como destacou Walter Benjamin, não é aquele que dar facilmente todas as informações aos seus interlocutores, mas o que possibilita os caminhos para se conhecer os motivos para a confecção de sua narrativa.¹² Ao contar uma história, sendo essa urdida por acadêmicos ou não, o tempo torna-se o fio condutor e o que possibilita uma inteligibilidade sobre o dito e/ou escrito. Além disso, o tempo transforma as pessoas ditas comuns em personagens históricos.

Ao tratar do integralismo em uma cidade do interior pernambucano, formado por homens e mulheres que não participaram da cúpula do movimento a nível nacional, pretendemos indicar quais os elementos da doutrina da AIB tiveram maior aceitação na região. Nesse caso, utilizamos os depoimentos de dois partidários do integralismo de Garanhuns como indícios de uma cultura política que se criou em torno do núcleo da AIB local. Nessa empreitada, lembramo-nos dos ensinamentos de Henri Bergson de que

[...] a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas [...]¹³

Com esse autor, que trabalha tanto com o fisiológico (cérebro) como com o subjetivo (memória), entendemos que a percepção em relação às imagens e as relações sociais parte de lugares singulares, formulados a partir de experiências passadas que particu-

larizam aquilo que é vivenciado não só por ele, mas por uma coletividade. No caso, os depoimentos dos garanhuneses que participaram da AIB não foram entendidos como verdades sobre um passado político da cidade, mas como fragmentos subjetivos relativo a um tempo e à relações que não podem ser compreendidos de uma maneira total e/ou homogênea. Nessas entrevistas, como destaca Jacy Alves Seixas,¹⁴ buscou-se compreender as superposições de tempos e interesses, que motivaram esses ex-militantes a falarem sobre suas experiências no integralismo.

Dentro do quadro de membros da AIB, de uma maneira geral, existiam os “camisas-verdes”, formado por homens e jovens que assumiam a administração e o papel de doutrinador do movimento, enquanto as mulheres eram chamadas de “blusas-verdes”, responsáveis pela instrução dos infantis e serviços assistencialistas. Além desses, havia também os “plinianos”, nome dado às crianças, que, introduzidas pelos pais, recebiam educação e formação doutrinária do integralismo.

Essas crianças que também possuíam suas fardas, acompanhadas das calças curtas, símbolo da menoridade, viam os seus pais, tios e os amigos da família desfilando em comícios da AIB, ou simplesmente ostentando os signos do movimento em seus afazeres profissionais ou políticos pela cidade. Uma das entrevistas concedidas foi de um ex-pliniano, o médico Ivaldo Rodrigues. Introduzido na AIB pelo seu pai José Rodrigues (José Batatinha), um dos mais atuantes integralistas de Garanhuns, o dr. Rodrigues, em seu depoimento, voltou-se a falar de suas lembranças sobre o seu pai, que em certo momento disse:

Plínio Salgado representava naquela época o sentimento de pátria e o movimento marxista internacional; meu pai adorava a pátria dele e com esses conhecimentos que adquirindo no partido integralista, ele achou que devia desenvolver ainda mais esta trilogia integralista: Deus, Pátria e Família, porque o marxismo, o comunismo naquela época era agnóstico, era ateu, ele era um homem que aos trinta anos acedeu e sentiu a necessidade de Deus na vida dele ele que era meio agnóstico, tornou-se um deísta um católico e extremou-se no seu catolicismo, dedicou-se ao catolicismo como era dedicado a família e ao despertar para a pátria através destes movimentos partidários que existiam no passado e que não satisfaziam a ele de maneira alguma, agora o partido integralista satisfazia porque ele como autodidata que começou a ler, a entender o integralismo e sempre se propunha a lutar contra o comunismo porque ele via no comunismo uma negação de Deus, e essas internacionalizações não o agradavam não.¹⁵

Antônio Torres Montenegro¹⁶ diz que a memória é formulada a partir de seleções, cujas lembranças e esquecimentos são articulados na reconstrução de um tempo que passou. Essa observação de Montenegro contribui na análise da citação do ex-plínio, que, ao falar sobre o seu pai – já falecido no momento da entrevista – possibilita que sejam observadas as supervalorizações e reformulações de alguns acontecimentos, indicando o sentimento de um filho que se orgulha da imagem do seu pai. Ou pelo menos da figura elaborada por ele a partir de uma percepção afetiva que construiu em relação a este. Os sentidos discursivos pretendidos por Ivaldo Rodrigues, ao descrever a participação do seu pai na AIB, procura direcionar a compreensão em relação à personalidade

do seu genitor, alicerçando-a nos elementos que constituía o lema “Deus, Pátria e Família”.

Os sentimentos religiosos, patrióticos e o medo de uma doutrina estrangeira aparecem como elementos que justificavam a participação de seu pai na AIB. Enquanto Plínio Salgado e o partido político criado por ele representavam uma resposta patriótica e espiritualista aos que ousassem levantar-se contra a nação, com essa abordagem, o depoente sinaliza uma das formas como Salgado era percebido: brasileiro cristão e preocupado com o futuro da sua pátria. Diferenciava-se, assim, das abordagens de alguns trabalhos acadêmicos com base nos quais o Chefe Nacional da AIB e o seu movimento foram percebidos como mimetismos dos líderes e partidos de extrema-direita europeu. Não queremos com essa análise descartar, ou negar as influências doutrinárias entre o integralismo e o fascismo, nazismo, salazarismo etc., mas desejamos indicar que essa não é a imagem que os militantes, pelo menos esse de Garanhuns, tinham com relação ao líder dos camisas-verdes. Em outro momento da entrevista, Rodrigues disse:

[...] Plínio Salgado representava naquela época o sentimento de pátria e o movimento marxista internacional meu pai adorava a pátria dele e com esses conhecimentos que adquirindo no partido integralista, ele achou que devia desenvolver ainda mais esta trilogia integralista Deus Pátria e Família, porque o marxismo, o comunismo naquela época era agnóstica, era ateu, ele [José Batatinha] era um homem que aos trinta anos acedeu e sentiu a necessidade de Deus na vida dele [...].¹⁷

Somando ao testemunho de Ivaldo Rodrigues, destacamos o que o ex-integralista Almir Zaidan, membro de uma família de comerciantes da cidade e ex-redator-chefe do jornal *A Razão*, comentou sobre suas experiências no movimento em Garanhuns. Esse falou: “Era um partido que vinha combater o comunismo e Garanhuns estava cheio de comunistas e tem a trilogia: Deus, Pátria e Família”.¹⁸ A partir das falas desses dois garanhuneses, podemos perceber que alguns temas se repetem, indicando assim quais eram as preocupações deles e de outros militantes na cidade. Além disso, confrontando esses depoimentos com outras fontes documentais e trabalhos acadêmicos, observamos como os integralistas de Garanhuns entendiam o cenário político local, nacional e internacional.

A leitura da obra *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs,¹⁹ foi imprescindível, principalmente no que concerne às formulações das memórias pessoais, – momento em que o depoente olha para o seu passado e a partir daí reconstrói caminhos, desejos e experiências – processo esse que não se dá de maneira isolada. Mesmo que o depoente se volte a acontecimentos de sua vida particular, esse não estava só, pelo contrário, o testemunho dado por ele encontraria apenas um sentido a partir do momento que se articulasse com uma memória coletiva, com tempos, lugares e acontecimentos que fossem também comuns a outros. Sobre a memória coletiva e suas especificidades, a psicóloga Ecléa Bosi escreveu: “Há, portanto, uma memória coletiva (no caso, a produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão), a qual se alimenta de imagens, sen-

timentos, ideias e valores que dão identidade e permanência àquela classe.”²⁰

Ao rememorar o seu passado enquanto militantes integralistas, Ivaldo Rodrigues e Almir Zaidan indicam que a AIB representara, naquele momento, uma oportunidade de enfrentar os comunistas em uma cidade que se acreditava, ou pelo menos se discursava estar repleta deles. Zaidan, ao ser perguntado sobre presença de membros da esquerda no município, falou: “[havia] muitos, muitos mesmo, bastante, tinha jornais, tinha sede, tinha tudo”.²¹ Nesse momento, percebe-se a intenção do depoente de intensificar a ameaça que ele acreditava, ou acredita que a cidade de Garanhuns vivia nos anos 1930, pois os comunistas eram considerados inimigos de tudo que os integralistas acreditavam proteger.

Dessa forma, possuir a estrutura física e política tida pelos comunistas na cidade, segundo Zaidan causava certa preocupação entre os camisas-verdes locais. A presença desses também “alimentava” o medo com relação ao futuro da cidade, consecutivamente da nação, caso nada impedisse a expansão deles. A reprodução desses discursos servia para legitimar a atuação dos seguidores de Salgado, mesmo que essa ameaça não existisse de fato em Garanhuns, pois o contingente e estrutura dos admiradores do comunismo eram baste frágeis na época.

Enquanto fenômeno histórico, o medo recebe contornos adequados ao cotidiano ao qual foi urdido, fazendo sentido para aqueles homens que o sentem e divulgam essa sensação em determinados momentos de suas vidas. Esse sentimento pode gerar respostas distintas nas pessoas, ou grupos

sociais. Alguns ficam “congelados”, retraídos em frente ao que desestabiliza o seu ser e desconstrói o seu mundo. Enquanto outros, paradoxalmente, encontram no medo de algo e/ou alguém o impulso para agir, tentando isolar ou destruir aquilo que teme. Esse complexo e instável sentimento surge na propaganda política das primeiras décadas do século XX no Brasil, como um elemento de conquista, de sedução daqueles que desejavam proteger os pilares que sustentavam o seu mundo. Dessa forma, ao apresentar o ressentimento em relação ao comunismo por parte dos integralistas, torna-se relevante entrelaçar a memória individual de Almir Zaidan e/ou Ivaldo Rodrigues sobre o seu pai, com o momento histórico rememorado por eles.

Destarte, incluindo os exemplos destes ex-integralistas de Garanhuns nos anos correspondentes às décadas de 1930 e 1940 no Brasil, encontramos uma situação em que a imagem comunista foi confeccionada a partir de um lugar de “inimigo”, tanto dos símbolos e valores nacionais, como do direito a propriedade privada e da religião cristã. Como analisou a historiadora Carla Luciana Silva²², o comunismo era compreendido por membros da Igreja Católica, do governo e do integralismo como um elemento estranho e pernicioso ao suposto “espírito brasileiro”, representado por princípios tradicionais e católicos. Em complemento as discussões travadas por essa autora, destacamos o trabalho de outro pesquisador, Rodrigo Patto Sá Motta²³ na obra *Em guarda contra o perigo vermelho*, que trouxe algumas questões relevantes ao presente trabalho. Inicialmente, esse autor argumentou que a imagem, ou

as imagens anticomunistas possuem matrizes distintas que, entrelaçadas ou não, moldavam e reformulavam o entendimento do que seria a ameaça “vermelha”. Dentre essas matrizes, Motta apontou como principais o catolicismo e/ou religioso, nacionalismo e liberalismo. No caso desta investigação, as estratégias discursivas partiram em grande parte de uma perspectiva religiosa e nacionalista que serviram de bases para a confecção do anticomunismo a partir do integralismo.

A exemplo disso,

[...] nossa Pátria corre o perigo de ser aniquilada pelo comunismo materialista e pagão; a onda vermelha de Moscou ameaça deshonrar a família brasileira, quebrar nossos altares menosprezar o que nos é sagrado, substituir a cruz pela foice e pelo martello bolchevista, profanar os nossos templos, etc... Os crentes evangélicos desejam mais ainda? Ainda ficarão indiferentes? Dizendo ser um movimento clericalista?! Horror! Falta de consciência! Muito mais intolerantes do que os católicos. Há poucos dias um padre me disse: “estamos dispostos a nos unir em “frente única” – Padres e Pastores protestantes, católicos e crentes evangélicos, afim de que unidos, formemos uma força, de ideal e ação, e combatermos o inimigo comum de todas as religiões”. Bem dita “frente única” se fosse formada! Se houvesse a mesma preocupação de brasilidade do outro lado.

Puza-se acima da animosidade contra os Padres, o amor da Pátria. Quizessem ler os nossos livros com os olhos marejados de lágrimas em pensar o que não seria esta Pátria se triunfasse o comunismo da “Aliança libertadora”. Abri os vossos corações. oh! crentes evangélicos! Sede mais brasileiros do que sequitaristas! Vêde, os norte-americanos estão em mofando do vosso patriotismo! Dizendo: Essa gente é inferior”! Pensaes ser exagero meu. Não. Tenho fatos que comprovam as minhas palavras. Um dia eles virão à luz.²⁴

Essa citação foi retirada de um dos artigos do jornal integralista de Garanhuns *A Razão*, no qual são, de maneira explícita, ameaçados os alicerces nacionais e o cristianismo, que era representado pelo comunismo. Uma observação em relação a esse artigo foi que os integralistas tentaram, nos primeiros meses de funcionamento a partir de junho de 1935, atrair os protestantes da cidade para participarem da AIB e o argumento, como se percebe, foi a de que todos os cristãos deveriam unir forças contra o inimigo da fé, o comunista.

No entanto, entre os discursos dos intelectuais integralistas, percebe-se uma falta de consenso entre os limites conceituais sobre o que seria o inimigo nacional, podendo esse ser caracterizado como comunista, judeu, maçom e liberal-democrata, ou uma mescla de mais de um desses elementos. Isso pode ser encontrado ao confrontar as percepções doutrinárias de Gustavo Barroso e Plínio Salgado.²⁵ O primeiro entendia que a verdadeira ameaça estava nos judeus, acusados de tentarem dominar o mundo a partir de uma teia de dependências financeiras; enquanto Salgado dedicou boa parte de suas discussões ao embate entre as forças materiais (representados tanto pelos capitalistas como pelos comunistas) *versus* espirituais (os integralistas). Essa batalha, como foi desenvolvida no livro *O que é o integralismo*, ganha na escrita de Salgado²⁶ ares místicos e *a-histórica*, como um fenômeno que sempre existiu e que tinha encontrado no integralismo o legítimo representante dos preceitos espirituais.

Nesse sentido, comunistas e liberais, mesmo antagônicos ideologicamente, apa-

reciam como efeitos distintos de um mesmo mal, o materialismo.²⁷ Sobre essa questão, o historiador Rodrigo Santos de Oliveira escreveu:

Mas o termo materialismo utilizado pelo integralismo não apresenta uma definição restrita, varia de acordo com o sentido do contexto em que é empregado. Assim materialismo, poderia ser “império do indivíduo”, o capitalismo, o comunismo, ou o liberalismo, poderia ser a reunião de todas essas concepções. Poderia subordinar um ao outro, colocando o comunismo como um “filho” do liberalismo, ou o capitalismo ao comunismo. Poderia ser uma dominação política, moral e de costumes ou apenas econômico. Poderia surgir com o pensamento humanista dos séculos XVIII e XIX ou estar sempre presente na história do homem.²⁸

Em Garanhuns, como em outras partes do país, a imagem do comunismo foi confeccionada e reproduzida pelos integralistas associada ao caráter antinacional e à questão do ateísmo religioso. Dessa forma, a construção discursiva sobre o suposto inimigo nacional passava por associações entre vários elementos, percebidas como incompatíveis à realidade política e social do país. Como no artigo *Coluna da Juventude*, do jornal *A Razão*, em que certo momento apareceu:

Este movimento intelectual e moral que não tardará a ser o regime governante do Brasil.

Abandonado por certos filhos desonestos, sem caracter, sem pudor e enfim um aniquilador do bem estar social.

Estes são os que se dizem – “Comunistas” mas, na realidade não são, porque todos Brasileiros são honestos.

E assim sendo, não admite esta idéia torpe. E escravizado pelo Judeu que querem açambarcar o mundo. Mas o Brasil elles não o dominarão.

Porque, para impedir que isso acontecesse foi que nasceu da terra banderante, a figura sincera de Plínio Salgado, enviado por Deus, para resconstituir e livrar a nossa Pátria do abismo que ia sendo encaminhada pelo cérebro corrompido dos burguezes insuflados pelos judeus.²⁹

Comunistas, judeus e burgueses (liberais) foram representados como inimigos nacionais, enquanto Plínio Salgado figurava como um escolhido por Deus para proteger o país das forças perniciosas. Porém, a partir de 1937, o comunismo começou a ser associado, nesse município, com a maçonaria. Essa reformulação, ou inclusão de outros elementos na imagem de inimigo nacional, teve como motivação o envolvimento de alguns comerciantes de Garanhuns, associados à loja maçônica *Os Mensageiros do Bem*, em uma campanha anti-integralista, atacando diretamente o nome do então candidato à presidência da República, Plínio Salgado.

Ao trazer novos elementos na constituição da imagem discursava do seu adversário, os jornalistas/integralistas de Garanhuns utilizaram-se do cotidiano de disputas locais, como reflexo da situação da política nacional. Esses camisas-verdes começaram a noticiar boatos de que os comunistas estavam sendo financiados pelos maçons, mas sua intenção era a de atacar os opositores da cidade, dos quais muitos deles eram membros da loja maçônica, Na edição comemorativa de dois anos do jornal *A Razão* em 29 de setembro de 1937, Hidalgo Cesar escreveu o artigo “*Planos Sinistros...*”, trançando um campo de batalha em que os integralistas na defesa da fé e dos bons costumes teriam que enfrentar para combater as forças conjuntas dos maçons e comunistas.

De braços-dados, Maçonaria e Comunismo, com seus martelos destruidores de nacionalidades e igrejas, procuraram destruir estas pedras solidas em que Plínio Salgado assentou os fundamentos de uma pátria nova que jamais se venderá a Moscou e se vilipendiará nos antros tétricos e sinistros da Maçonaria. O Integralismo está aí[...] ele não teme o punhal, a mazorca, a calúnia a traição, porque com ele, com o seu chefe, na defesa da nossa Pátria e no bem estar da família, está com sua dextra de proteção Aquele a Quem os Judeus Maçons renegam, os Comunistas ridicularizam, Supremo Arbitro das Pátria: DEUS.³⁰

O integralismo liderado por Plínio Salgado enfrentaria sem medo, para defender o Brasil, um inimigo que passa na argumentação de Hidalgo Cesar pelas imagens dos maçons, judeus e comunistas. Nos textos dos integralistas/jornalistas de Garanhuns, percebe-se essa lógica discursiva em que os elementos que formavam o lema “Deus, pátria e família”, apareciam como ameaçados por forças estranhas aos brasileiros cristãos. No caso, Moscou aparecia não como um espaço geográfico, mas como exemplo da materialização da opressão comunista sobre um povo que supostamente teria virado as costas para Deus.

Essa mudança e/ou reformulação na imagem do inimigo serve para observarmos como o conceito de anticomunismo que teve grande peso na produção intelectual da AIB, em Garanhuns, possuía então uma definição flexível, reformulando-se de acordo com os interesses dos que reproduziam os discursos. Retomando os depoimentos de Rodrigues e Zaidan, mesmo que o cenário político da cidade estivesse marcado pela atuação de membros da oligarquia local, partidários de

Vargas e comerciantes associados à maçonaria, o inimigo foi representado nas falas destes no comunismo.

O comunista era um adversário que atraía mais os militantes da AIB, provavelmente por causa do caráter ateu associado a eles. Combater o inimigo da fé cristã tinha um efeito propagandístico maior do que enfrentar grupos políticos locais. O sentimento de ódio ou temor com relação ao comunismo foi o que acabou marcando as lembranças dos militantes da AIB em Garanhuns, que continuam em suas lembranças a apresentar o combate aos elementos da esquerda como o principal motivo para o engajamento deles e seus amigos de juventude nos quadros da Ação Integralista.

Mesmo que o anticomunismo seja um fator conhecido na propaganda política da AIB, o que apresentamos aqui foi a forma como o medo, que mesmo morando em cidades do interior como no caso de Garanhuns, mobilizou e serviu para legitimar as atividades de jovens que acreditavam defender o país de forças perniciosas. Dessa forma, tanto os depoentes como os outros integralistas que escreveram para o jornal *A Razão*, acreditavam que estavam envolvidos não disputas políticas, mas em uma “cruzada santa” contra os inimigos da pátria e da fé crista, os comunistas.

Abstract

This paper is part of a dissertation in which is studied the internalization of Ação Integralista Brasileira (AIB) in Pernambuco state, giving special attention to Garanhuns. This city, between 1935

and 1937, was the stage for the performance of the fundamentalists, who believed form the frontline in the fight against communism. The climate of fear created around the rumors of alleged plots to the left, marked the garanhunense everyday society, and the memory of its militants.

Keywords: Brazilian Integralist Action. Communism. Garanhuns. Memory.

Resumen

El presente artículo compone a disertación de maestría, en la cual se trabaja la interiorización de la Ação Integralista Brasileira (AIB) en el estado de Pernambuco, teniendo especial atención a Garanhuns. Esta ciudad, entre 1935 e 1937, fue palco para la acción de los integralistas, que creían formar la línea de frente en el combate al comunismo. El clima de miedo alrededor de los rumores de supuestos complós de la izquierda, marco el cotidiano de la sociedad garanhunense y la memoria de sus militantes.

Palavras-clave: Ação Integralista Brasileira. Comunismo, Garanhuns. Memória.

Notas

- 1 CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo*. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999.
- 2 João R. C. CALDEIRA (1999) falando do Maranhão e Giselda Brito SILVA (1996 e 2002).
- 3 SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo: Voz do Oeste, 1982, p. 8.
- 4 SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937)*. Recife: UFPE, 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) - UFPE/CFCH, Recife, 1996, p. 32.

- ⁵ Utilizaremos a escrita da época nas citações de documentos. Além de manter os erros ortográficos encontrados nas fontes analisadas.
- ⁶ GUERRA, Otto; LIMA FILHO, Andrade et al. Manifesto do Núcleo da Faculdade de Direito do Recife. *O Diário de Pernambuco*. Recife, 24 de outubro de 1932 – Fundaj.
- ⁷ LIMA FILHO, Andrade. Depoimento de Andrade Lima Filho. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de novembro de 1932 – Apeje.
- ⁸ Segundo o Dicionário Crítico do Pensamento da Direita, o conceito tradição é entendido enquanto a perpetuação do grupo conservador no poder, consecutivamente a imposição de seus costumes e valores conservadores, além da manutenção de uma hierarquia social e política. Cf. SILVA, F. 2000. p. 437
- ⁹ MOURA, Carlos André Silva de. *Fé, saber e poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930-1937)*. Recife, UFRPE, 161 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura/UFRPE. Recife, 2010.
- ¹⁰ A utilização do termo *Bandeira* se deu em alusão aos paulistas do período colonial que adentraram o Sertão brasileiro em busca de riquezas minerais e mão-de-obra escrava e que aos poucos expandiram o território nacional. No entanto, os *bandeirantes* integralistas entrariam pelo país levando a AIB aos locais mais distantes das capitais.
- ¹¹ RÊGO, Alberto da Silva. *Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os "players", os poetas, e árvores genealógicas*. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1987.
- ¹² Ao falar sobre as estratégias narrativas de Nikolai Leskov, Walter Benjamin destacou que contar uma história requer mais que apresentar todas as informações, mas em construir um quadro discursivo que leve a compreensão e discussões sobre o que se narrou. Cf. BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 197-221. 1994.
- ¹³ BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 31.
- ¹⁴ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 37-59. 2004.
- ¹⁵ RODRIGUES, Ivaldo. *Entrevista*. Recife, 03 de Setembro de 2001.
- ¹⁶ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ¹⁷ RODRIGUES, Ivaldo. *Entrevista*. Recife, 03 de Setembro de 2001.
- ¹⁸ ZAINDA, Almir. *Entrevista*. São Paulo, 01 de abril de 2009.
- ¹⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca. Vertice, 1990.
- ²⁰ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 22.
- ²¹ ZAINDA, Almir. *Entrevista*. São Paulo, 01 de abril de 2009.
- ²² SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- ²³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002.
- ²⁴ "Pontinhos...". *A Razão*. Garanhuns, 30 de novembro de 1935. p. 2, Apeje.
- ²⁵ As distinções entre as maneiras de perceber o inimigo da AIB, logo do país, entre Salgado e Barroso, levou a boatos de desentendimentos e rachas internos no movimento. Procurando manter a imagem de unidade ideológica entre os militantes, Barroso foi a público desmentir os rumores de querelas integralistas. Essa declaração foi publicado no jornal *A Razão*, pertencente ao núcleo integralista de Garanhuns: "O escritor Gustavo Barroso membro do Supremo Conselho Integralista e líder de destacada atuação no movimento dos camisas-verdes, aqui chegado desde sábado, foi ouvido pelos jornaes, fazendo as seguintes declarações: Não houve, não há, nem haverá jamais crises na Ação Integralista Brasileira. Plínio Salgado sempre foi, é e continuará a ser o chefe único do nosso movimento. Um dia terá fim a imaginação dos Reporters que vivem sonhando desavenças impossíveis entre minha pessoa e o Chefe Nacional. É tudo o que tinha a dizer a respeito." Gustavo Barroso Desmente os Inimigos do Sigma. *A Razão*, Garanhuns 19 de julho de 1936. p. 4. *Apud*. *A Cidade*. São Paulo, 13 de julho de 1936.
- ²⁶ SALGADO, Plínio. *O que é Integralismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor, 1937.
- ²⁷ Torna-se relevante destacar que o materialismo citado por Salgado possuía o sentido da preocupação com as coisas terrenas, longe do ideal espiritual pregado por ele no integralismo. Distanciando-se das teorias relativas ao Materialismo Econômico de Karl Marx e seus seguidores.

- ²⁸ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. “*Perante o Tribunal da História*”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Rio Grande do Sul: 2004. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS/FFCH, 2004, p. 76.
- ²⁹ Coluna da Juventude. *A Razão*. Garanhuns, 01 de novembro de 1935. p. 3, Apeje.
- ³⁰ CESAR, Hidalgo. “Planos Sinistros...”. *A Razão*, Garanhuns, 29 de setembro de 1937. p. 6, Apeje.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221. 1994.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca. Vertice, 1990.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002.

MOURA, Carlos André Silva de. *Fé, saber e poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 -1937)*. Recife, UFRPE, 161 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História So-

cial da Cultura/ UFRPE. Recife, 2010.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Perante o tribunal da história: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Rio Grande do Sul: 2004. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS/FFCH, 2004.

RÊGO, Alberto da Silva. *Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os “players”, os poetas, e árvores genealógicas*. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1987.

SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1982.

_____. *O que é Integralismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Schmidt-Editor, 1937.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Unicamp, p. 37-59. 2004.

SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et al. (Org.). *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Faperj / Mauad, 2000. SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937)*. Recife: UFPE, 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) - UFPE/CFCH, Recife, 1996.

_____. *A lógica da suspeição contra a força do sigma: discursos e policia na repressão aos integralistas em Pernambuco*. Recife, UFPE. 277f. Tese (Doutorado em História) - UFPE/CFCH, 2002.